

O que será: indagações da paixão

What will it be: investigations of passion

Miriam Elza Gorender¹

Palavras-chave

Paixão, psicanálise, filosofia

Resumo

Este trabalho é a transcrição da fala de abertura da Jornada do Círculo Psicanalítico da Bahia sobre a Paixão, reunindo e organizando diversos conceitos e questões sobre o tema.

Qual joia polifacetada, o que percebemos da paixão muda de acordo com o ângulo pelo qual a olhamos. Filosofia, Psiquiatria, Psicanálise, cada campo de saber tem para ela diferentes visões. Palavra de múltiplos sentidos, conceito de múltiplas formas, este trabalho busca arrolar algumas das muitas indagações que seu estudo suscita.

Se parecer que pergunto demais, argumento antecipadamente, que acredito que, mais do que fatos ou respostas, é nossa capacidade de questionamento que nos faz avançar.

Também não afirmo ser capaz de formular, em apenas uma fala, todas as dúvidas que se pode ter dentro deste tema, mas procurei fazer aqui uma síntese de pelo menos algumas das áreas que, acredito, serão debatidas aqui por todos nós. Senão vejamos: é no mínimo interessante notar que a Psicanálise, ao tratar da paixão, não se ocupa primariamente do afeto em si, de seus efeitos imediatos ou da questão do que fazer diante dela, ou se seria melhor dominá-la ou extirpá-la, questões mais bem tratadas pela Filosofia. Já a Medicina biologicista, que não será tratada aqui, quer saber como surgiu, qual seu papel na sobrevivência e evolução da espécie

humana, e seu objetivo é o poder, ilusório, de provocá-la ou anulá-la. A Psicanálise quer compreender, entre outras coisas, não apenas qual o mecanismo da paixão, mas o que se quer com ela e ainda se, neste querer, é isto mesmo o que se quer.

Paixão, num primeiro significado, tem o sentido de tendência – e mesmo de uma tendência bastante forte e duradoura para dominar a vida mental. Ora, é interessante para nós que este significado da palavra paixão traga em sua franja o sentido etimológico de *passividade* (*paschein, pathos*), sentido lembrado por Descartes no começo do *Tratado das Paixões*: “Tudo o que se faz ou acontece de novo é geralmente chamado pelos filósofos de paixão relativamente ao sujeito a quem isso acontece, e de ação relativamente àquele que faz com que aconteça” (LEBRUN, 1987, p. 17).

Descartes remete aí à definição aristotélica do *agir* e do *padecer*, sendo o primeiro considerado superior, uma vez que o padecente é mudado por algo de fora, e, para ser mudado, é preciso que haja movimento, e os gregos consideravam o imutável superior.

E mais: podemos pensar a paixão como impulso que nos leva, malgrado

¹ Psicanalista, membro do Círculo Psicanalítico da Bahia, professora adjunta do Departamento de Neurociências e Saúde Mental da UFBA, doutora em Psicanálise pelo Instituto de Psiquiatria da UFRJ.

nosso, a praticar uma ação (externo, alienado, *outro*), ou como algo constitutivo de nosso ser?

Os estoicos defendiam que as paixões deviam ser extirpadas, não dominadas, transformando a sabedoria numa cirurgia das paixões. Essa posição era, aos olhos de Nietzsche, uma fraqueza, uma incapacidade de enfrentar as perturbações da alma. A paixão é aí uma tendência a ser domada ou um mal a ser extirpado?

Compreendido como um afeto mórbido que posso vir a controlar, o *pathos* carrega originalmente dois conceitos bem diferentes: o *passional*, que faz surgir a ética, e o *patológico*, que remete ao diagnóstico médico. Por exemplo, o conceito de crime passional como circunstância atenuante. O ato provocado por impulso demasiado forte é resultado da *fraqueza* de um indivíduo que, responsável por suas paixões, não consegue controlar-se, ou *doença* que o coloca fora de si mesmo?

Ao desconsiderar os conceitos de vontade e responsabilidade, renuncia-se à distinção entre passional e patológico. É o que a Medicina atual procura fazer com seu novo fatalismo científico, considerando patológica a paixão, algo a ser curado. O indivíduo não deve mais ser sábio ou virtuoso, mas sadio e adaptado. A paixão não é mais um componente do caráter que deve ser governado, mas um fator perturbador, a ser eliminado como queriam os estoicos. A Medicina ocupa cada vez mais o lugar da ética. Será isto desejável? Os biologicistas defendem que a mudança é benéfica, mas acredito que devemos pesar os possíveis benefícios contra a constituição, não apenas possível mas em pleno curso, de um novo totalitarismo. É possível um meio-termo?

Já Rouanet (1987) fala da distinção entre a razão louca e a razão sábia. Fundamenta-se aí na correlação entre razão

e paixão, e entre Ego e Id em Freud: “O Ego representa o que chamamos a razão e a reflexão, enquanto o Id, pelo contrário, é dominado pelas paixões” (FREUD, 1923).

Na razão louca, o Ego seria dominado, e a percepção do mundo passa a ser colorida e determinada pela lógica dos processos internos. Na razão sábia, haveria uma renúncia e um afastamento da influência perturbadora dos afetos. Seria isto possível? Trata-se de uma imparcialidade verdadeira ou, como no conceito lacaniano de desejo do analista, que aqui a paixão pelo conhecimento se superponha a qualquer outra?

Na fronteira entre Filosofia e Psicanálise, encontramos a questão do amor como paixão e da busca da felicidade.

Ganha aí realce a força do mito do amor, força essa sustentada pela promessa de felicidade plena nas chamadas “histórias de amor”, mas também é possível apontar a estratégia desse mito: manter essa promessa de felicidade, afastando o impossível, uma das denominações do real para Lacan, ou transformando-o em proibido. Freud já observara que o amor tende a funcionar como modelo de busca da felicidade e reconheceu sua natureza ilusória no sentido de consolar e tornar tolerável o mal-estar próprio do desejo humano.

Boa parte dos textos psicanalíticos sobre a paixão trata dela sob o signo do narcisismo. As paixões do amor e ódio aparecem aqui como lados de uma mesma moeda, moeda essa cuja ocorrência é o englobamento, imaginário. Assim, no amor, o objeto engloba o eu para aumentá-lo, no ódio o eu incorpora o objeto para aniquilá-lo.

Segundo Maria Rita Kehl, o modelo principal seria a fusão narcísica inicial com o corpo da mãe, na qual (assim como

em momentos privilegiados da paixão...) “o mundo desaparece, eu sou o mundo, o mundo é uma extensão de mim” (KEHL, 1987, p. 475).

A primeira fantasia que surge nas relações apaixonadas da vida adulta é a da restauração de nosso narcisismo primário; a primeira esperança do (a) apaixonado (a) é encontrar no ser amado sua total completude. As fantasias do início de uma relação apaixonada não concedem existência própria ao outro, que se torna um depósito das fantasias mais arcaicas, um representante da possibilidade de restauração do narcisismo ferido. O apaixonado pode escolher, então, quando das primeiras decepções, entre a morte da paixão ou sua própria.

Kehl (1987) fala do destino do excesso de energia das paixões. Não estará ela aí igualando paixões a pulsões? É possível ou mesmo aconselhável trabalhar com essa relação como sendo de equivalência? Freud se refere a Eros e Tanatos como paixões do *id*, mas em que sentido teria usado a palavra? Ainda, o conceito de pulsão é o de pulsão *parcial*. Qual a relação entre a parcialidade das pulsões e a ilusão de totalidade das paixões?

Ainda segundo Kehl (1987), a repressão, dissociando o desejo de seu objeto original, aliena a pessoa que fica cega para seus desejos, presa fácil de líderes totalitários. Fala da *matéria burra das paixões*. Ou seja, seria possível usar esse mecanismo para chegar a uma melhor compreensão de fenômenos como o nazismo? Sendo o ser humano um animal político, essa certamente é uma das principais arenas para as paixões. Pode o melhor entendimento dessas fornecer uma ferramenta para a política? Pessoalmente, creio que o máximo a que se poderia aspirar tomaria a forma de uma

arma, uma melhor forma de manipulação das massas e indivíduos, mas mantenhamos a questão.

Neste tornar equivalente pulsão e paixão, Kehl (1987) chega ao conceito de sublimação, que seria a possibilidade de expressão simbólica desses desejos. Assim, a paixão bem-sucedida costumaria ser silenciosa. Daí a passagem ao que chama *amor sublime*, no qual “o desejo, longe de perder de vista a carne que lhe deu a luz, tende em definitivo a erotizar o universo” (PERET *apud* KEHL, 1987, p. 485). É possível uma *paixão bem sucedida*? Ou, para o efeito desejado, seria necessária uma desidealização e dissolução da paixão com a transformação desta em amor, como quer Roberto Coura (2000)? Seria a ideia de uma paixão bem-sucedida algo utópico?

Nos dias de hoje, a repressão tem como aliada a sedução do mercado, que veio a substituir, por exemplo, os rituais da corte francesa, criados por sua vez para substituir e moderar a violência que imperava e fazia com que muitos nobres e soldados percessem em brigas, assassinatos e duelos. Troque suas paixões pelo desejo de possuir um objeto.

Kehl (1987) afirma que, hoje, a Psicanálise não luta contra a histeria, mas contra o narcisismo.

Nesse caso, quais as relações entre paixão, narcisismo e gozo? Seria verdadeiramente na paixão que mais se aproximam, via narcisismo, o ser e o ter?

À busca dessa completude perdida, Lacan chamou de Paixão do ser, que são paixões da relação com o Outro. Diz ele: “A ignorância, de fato, não deve ser entendida aqui como uma ausência de saber, mas tal como o amor e o ódio, como uma paixão do ser: porque ela pode ser, à semelhança deles, uma via em que o ser se forma” (LACAN, 1998,

p, 360). A falta-a-ser determina a paixão da busca de completude no Outro. Trata-se aí do grande Outro ou de um outro imaginário? As paixões dão também consistência ao Outro, buscando o ideal no amor, o apagamento no ódio e o saber na ignorância.

Freud já havia relacionado essas três paixões no seu ensaio sobre Leonardo, sobre quem escreve:

Seus afetos eram dominados e submetidos à pulsão da pesquisa; não amava ou odiava, porém se perguntava acerca da origem e do significado daquilo que deveria amar ou odiar. Parecia assim forçosamente indiferente ao bem e ao mal, ao belo e ao horrível. Durante esse trabalho de pesquisa, o amor e o ódio se despiam de suas formas positivas ou negativas e ambos se transformavam apenas em objeto de interesse intelectual. Na verdade, Leonardo não era insensível à paixão; não carecia da centelha sagrada que é direta ou indiretamente a força motora -il primo motore- de qualquer atividade humana. Apenas converteu sua paixão em sede de conhecimento; entregava-se, então, à investigação com a persistência, constância e penetração que derivam da paixão e, ao atingir o auge de seu trabalho intelectual, isto é, a aquisição de conhecimento, permitia que o afeto há muito reprimido viesse à tona e transbordasse livremente, como se deixa correr a água represada de um rio (FREUD, 1980[1910], p. 83).

Há, na transferência, uma relação entre o amor ou ódio ao analista e o pacto entre o não querer saber de si e a suposição de que o outro detém esse saber? Ou seja, a ignorância seria uma paixão derivada das duas primeiras, como sugere Freud, ou originária e desde sempre constitutiva do ser, como afirma Lacan?

A outra referência maior de Lacan à paixão se deve ao conceito de paixões da

alma de São Tomás de Aquino, como este último escreve no seu *Comentário ao De Interpretatione*:

Se o homem fosse naturalmente um animal solitário, ser-lhe-iam suficientes as paixões da alma, pelas quais se conformaria às próprias coisas, de tal modo que, por meio delas, tivesse em si a notícia das coisas. O Filósofo inicia o Livro sobre a Interpretação por um tratado sobre a significação das vozes, dizendo: “As coisas, portanto, que estão nas vozes, são sinais das paixões que estão na alma; e as coisas que se escrevem são sinais das coisas que estão nas vozes”. O Filósofo propõe aqui três coisas, de uma das quais pode-se inferir uma quarta. Propõe, de fato, a escritura, as vozes e as paixões da alma. Das paixões da alma, porém, podem inferir-se as coisas ou a realidade, pois as paixões da alma procedem da impressão de algum agente e assim devemos dizer que as paixões da alma têm sua origem das próprias coisas ou realidade (AQUINO, 2010).

Na primeira modernidade, diferentes discursos sobre os afetos difundem a ideia de que o prazer e a dor fariam parte conjuntamente da maioria das atividades dos seres vivos e, no caso dos seres humanos, estariam diretamente relacionados às paixões da alma. Essa noção orienta, por exemplo, o *De l'usage des passions*, publicado em 1641 por Jean-François Senault, um dos mais célebres pregadores franceses de seu século. Esse tratado, oferecido formalmente ao cardeal Richelieu, está fundamentado, sobretudo, na noção de alma e corpo aristotélico-tomista. Em sintonia com São Tomás de Aquino, Senault afirma que a paixão é um movimento natural necessário, que nasce do fato de a alma estar engajada na matéria. Dentre todas, a dor seria a mais incômoda e a mais comum das paixões humanas. Isto, sobretudo, ao se comparar com o prazer. Segundo Silva,

Luca Tozzi (1638-1717), professor da universidade de Nápoles, que se tornou também médico oficial do Reino e substituiu Marcelo Malpighi na função de médico do pontífice Clemente XI, sintetiza os efeitos nocivos e dolorosos das paixões da alma: de fato, é evidente que do amor nascem a confusão, a loucura, a febre, a insônia, a inquietude e, por vezes, a morte. [...] do mesmo modo, mais de uma vez, o ódio gerou febres e furores. Do medo derivam o resfriamento do corpo, o desfalecimento, e a perda de todos os membros; da alegria, o exaurimento das forças e a síncope. Enfim, da inveja nascem angústias, deterioração, delírios melancólicos, suspiros lamentosos e outros acidentes do gênero, sobretudo quando tais perturbações são excessivas, imprevistas e persistentes (DINI, 1681 apud SILVA, 2007, p. 58).

Como vemos, as paixões da alma têm suas raízes e frutos entranhados no corpo.

A partir de Tomás de Aquino, Lacan (2005) irá dar como exemplo *contrário* a tristeza e a mania. A tristeza é por ele qualificada não como estado d'alma, mas antes como falta ou covardia moral, um pecado contra o bem-dizer, no inconsciente. Pecado sem perdão ou absolvição, fundado na manutenção do gozo e ao qual todos são condenados, para sermos redimidos apenas breve e fugazmente pela emergência do simbólico. Vinicius de Moraes nos diz que 'tristeza não tem fim, felicidade sim'. Concordaria Lacan com Vinicius?

Eis a citação de Lacan (2003, p. 524) sobre as paixões da alma:

Será que a simples ressecção das paixões da alma, como São Tomás denomina com mais justeza esses afetos, a ressecção, desde Platão, dessas paixões segundo o corpo – cabeça, coração, ou até, como diz ele, sobrecoação – já não atesta ser necessário, para abordá-las, passar pelo corpo, que afirmo só ser afetado pela estrutura?

Indicarei por onde poderia se dar uma sequência séria, a ser entendida como serial, ao que prevalece como inconsciente nesse efeito.

A tristeza, por exemplo, é qualificada como depressão, ao se lhe dar por suporte a alma, ou então a tensão psicológica do filósofo Pierre Janet. Mas esse não é um estado de espírito (*état d'âme*), é simplesmente uma falha (*faute*) moral, como se exprimiam Dante ou até Espinosa: um pecado, o que significa uma covardia moral, que só é situado, em última instância, a partir do pensamento, isto é, do dever de bem dizer, ou de se referenciar no inconsciente, na estrutura.

O que se segue – bastando que essa covardia, por ser rechaço (*rejet*) do inconsciente, chegue à psicose – é o retorno no real daquilo que foi rechaçado: é a excitação maníaca pela qual esse retorno se faz mortal.

Esse trecho se refere a uma pergunta sobre o afeto como *energia natural*, e seu objetivo é contrapor-se a esse ponto de vista, mostrando, ao contrário, o corpo como afetado pela estrutura. A tristeza ou a mania, tidos como pecados da manutenção do gozo não simbolizado, se sustentam ainda aí enquanto paixões?

Entre os autores pesquisados, haveria pelo menos mais um a destacar: Marcus André Vieira, que propõe um modelo dos afetos fundado na ética lacaniana.

O autor supracitado considera que a paixão, fora do registro energético e vinculada a uma reflexão ética, é a contribuição essencial de Lacan à questão. Vejamos o que diz (2001):

Inicialmente a *emoção*. Postulemos que a emoção é o termo reservado para Lacan a tudo aquilo que situa o afeto no registro da agitação de um corpo concebido como anterior à estrutura e não secundário a ela. Sob essa rubrica, vamos reservar tudo o que se propõe como pura

expressão do animal no homem, seu lado orgânico, genético, tudo que se refere à herança da raça, o atávico e o ancestral, o arcaico, enfim, o Outro em seu aspecto imaginário de inimigo ou amigo mais íntimo, o outro do espelho, por vezes carmetade, por vezes perseguidor. Aqui se inserem os afetos de ódio e amor no que eles se situam no nível especular (evidentemente estamos definindo um sentido de emoção que não é o do uso comum, normalmente se utilizaria o termo “paixão” para designar esses estados de fascinação e arrebatamento, lugar da captação imaginária; contudo, mesmo utilizando-a vez por outra nesse sentido, Lacan reserva um outro lugar para a paixão, razão pela qual estamos autorizados a efetuar essa partilha que tem muito de artefato).

No vértice do *sentimento*, vamos localizar tudo aquilo que do afeto se articula em palavras, aquilo que vem nomear um indizível e que, justamente por ter sido colocado em palavras, passa a doer como se fosse anterior a elas. Como diz Lacan, o afeto vem ao corpo e não provém dele.

Finalmente, a *paixão*. Colocar em evidência o papel da paixão, ao lado do sentimento e da emoção, teria sido, segundo Lacan, a contribuição propriamente freudiana para o tema do afeto. Por compreender essa revolução, ele descarta toda a literatura sobre o afeto na Psicanálise, que tinha basicamente optado por um lado ou por outro do abismo, ou ainda buscado um compromisso entre suas bordas. De fato, as seguintes alternativas sempre tinham atormentado os psicanalistas: o afeto seria um fenômeno de descarga (emoção) ou de investimento (sentimento)? Mais dependente e mais próximo da energia pulsional ou da representação? Lacan vai buscar suas referências em Spinoza e Dante e insistir que se trata de uma articulação entre o psíquico e o

somático, ou melhor, entre significante e gozo, que só é apreensível se nos referirmos à reflexão ética, que tradicionalmente conjuga pensamento e ação. Deslocar o debate de “representação e energia” para “pensamento e ação” é o que o direito de cidadania dado neste campo à paixão torna possível.

Na emoção, o real é figurado como um ser supremo, um significado fundamental que determina e justifica todos os outros. No sentimento, ele é o silêncio desagregador que nada diz, só dispersa os sentidos estabelecidos. Na paixão, ele será o paradoxo de uma escrita que não é comunicação, uma mensagem fora do sentido. O modo mais imediato de apreendê-lo é através da imagem do escravo mensageiro que carregava, escrita a ferro e fogo, uma mensagem em seu couro cabeludo.

Ou seja, o autor equipara aí a paixão à Letra, como suporte do significante e como provinda do Outro. Assim os estigmas, passando de Cristo a São Francisco e daí se espalhando por imagens e corpos como emblemas da paixão.

Assim Édipo, seguidor involuntário das marcas deixadas em seu corpo perfurado, trespassado nos pés ao nascer e nos olhos no ápice de sua paixão. Não seria de admirar que terminasse a vida como andarilho e vidente, pré-vendo em Colono a hora e forma de sua morte.

São dois modelos distintos de afeto para falar de paixão, um originado no narcisismo e no domínio do imaginário, outro fundado no corpo e no real da estrutura. Um tem como representante o fogo que aquece e destrói, outro traz a marca do signo que, fora do sentido, é produtor de significações. É possível manter, simultaneamente, estes dois modelos de afeto no mesmo campo da Psicanálise?

Para terminar, quais as relações entre paixão, repressão e inibição? Nossa época é marcada em relação à paixão, pelo menos no que podemos observar na clínica, acima de tudo por sua falta. A superabundância de gozo barra, por seu próprio excesso, o surgimento e exercício da paixão. Assim como a paixão falta, a inibição domina uma parte importante de nossa clínica atual. A impossibilidade de amar, de fazer, de pensar é lugar comum nos analisando dos nossos dias. O preço do gozo é, então, não a ação e satisfação contínuas, mas a sua paralisação? No *Admirável Mundo Novo*, de Huxley (1932), os habitantes de uma utopia planejada e medida, com seus prazeres obrigatórios e cotidianos, tomam regularmente, além do soma, um “substituto de paixão violenta”. Quais os nossos substitutos regulares da paixão violenta?

Enfim, com tantas perguntas e outras mais à espera de quem as formule, espero que tenhamos, até o final de nossa jornada, apresentações apaixonantes e debates apaixonados. Que a paixão pelo saber nos una nessa empreitada!

Keywords

Passion, Psychoanalysis, Philosophy.

Abstract

This paper is the transcription of the opening speech for the Symposium held by Círculo Psicanalítico da Bahia about Passion, collecting and organizing several concepts and questions on the theme.

Referências

AQUINO, T. Comentário ao *De Interpretatione*. Disponível em: <http://www.microbookstudio.com/tomasquinocomentariosaristoteles.htm>. Acessado em: 24.03.2010.

COURA, R. *Paixão é doença*. Entrevista ISTO É (2000). Disponível em: http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=%22rubens+coura%22+%22isto+%C3%A9%22&aq=f&aqi=&aqi=&aqi=&gs_rfai. Acessado em 24.03.2010.

FERREIRA, N. P. *A teoria do amor*. Coleção Psicanálise Passo a Passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. v.38. 71 p.

FREUD, S. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância [1910]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v.XI. p. 83.

FREUD, S. O Ego e o Id [1923]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006 v. XIX, p. 39.

HUXLEY, A. [1932]. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Globo, 2001.

KEHL, M. R. *A Psicanálise e o domínio das paixões*. In: Obra Coletiva. *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 469-496.

LACAN, J. Televisão. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 524.

LACAN, J. Variantes do tratamento-padrão. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 360.

LEBRUN, G. O conceito de paixão. In: Obra Coletiva. *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 17-34.

LEITE, M. P. de S. A. *depressão como paixão da alma*. Disponível em: <http://www.marciopeter.com.br/> Acessado em: 24/03/2010.

ROUANET, S. P. Razão e Paixão. In: Obra Coletiva. *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 437-468.

SILVA, P. J. C. A dor enquanto paixão. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. X, n. 1, p. 51-62, mar.2007.

VIEIRA, M. A. *A ética da paixão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

VIEIRA, M. A. O real da paixão. *Opção Lacaniana*, São Paulo, n. 31, p. 42-46, set. 2001.

Tramitação

Recebido: 24/03/2010

Aprovado: 01/07/2010

Nome do autor responsável: Miriam Elza
Gorender

End: Rua Marques de Caravelas, 217/901 -
Barra

CEP: 40140-241 - Salvador - Bahia

Fone: (71) 3264-2523

E-mail: miriamgorender@gmail.com